Avenida Sete de Setembro III - Entre a Getúlio Vargas e Joaquim Nabuco - Oásis de sonhos, recordações e saudades (Carmelia Esteves de Castro)

Encravada no meio da quadra no lado direito da Avenida 7 de Setembro, no nº 1202, entre as avenidas Getúlio Vargas e Joaquim Nabuco, um oásis de sonhos e recordações. "Ó pequenos, vocês nem deixam eu acordar direito? Puxem-se daqui para fora, voltem para as vossas casas..." e cabisbaixos Graça Pimenta e Fran (Francisco Renato – filhos do poeta e professor Farias de Carvalho),ainda segurando na mão o pão que deveriam ter comido no café da manhã, sorrateiramente, se esgueiravam, encolhidinhos e em silêncio, ficavam sentados no batente da sala de visitas, "roendo" seus pães, esperando que a matriarca portuguesa fosse tomar seu banho matinal e posterior desjejum, para que seus coleguinhas de folguedo e moradores da casa, abrissem-lhes a porta, pois a seguir, seriam eles os porteiros que facilitariam a entrada da garotada da rua, enquanto os da casa tomavam o seu café. Evandro (Langbeck), o mais assíduo, que mal se equilibrava sobre as perninhas, de calção e chinelo, era trazido pela própria mãe (Aglair), ao seio amigo onde meus filhos (Alfredo Augusto, Maria Arminda e das Graças) choravam a perda de seus bichinhos de estimação. Depois, vinha o Sebastiãozinho (Sebastião Norões Lemos), que na hora do almoço, ia embora, atendendo o chamado de sua mãe(Glorinha), pelo que a garotada chamava de "telefone interfundal", um grito dado, na altura do primeiro quarto, onde existiam três "postigos"(aberturas na parede para ventilação), que facilitavam a propagação do som. Os outros três, muitas vezes, surdos aos chamados, permaneciam junto aos meus três e por aqui almoçavam.

Humilde e calado, Mangabeira (Dr. Carlos José Mangabeira Silva), colega de meu filho no colégio Dom Bosco, com as mãos abarrotadas de revistinhas infantis, para trocar emprestado com as da garotada da casa. Depois chegava Henel Levy (filho da professora Dinaray), também do colégio Dom Bosco e Renato Augusto Pinto Braga (Arquiteto), para trocar selos e revistinhas com Mangabeira e Alfredo. Marcílio (filho do desembargador Marcílio Dias de Vasconcellos), outro aficcionado pelas revistinhas. Sua irmã Euza (Juíza Euza Maria de Vasconcellos) já foi da segunda leva, já mais velhinha, nessa época era apenas uma companheira da D. Dulcéia (Professora particular e do Grupo Escolar José Paranaguá) e dos meus dois filhos mais velhos, de seu irmão e do Henel Levy. Paulo e Assis Mourão, também chegavam após se desincubirem das suas tarefas de manutenção do Colégio(São Francisco de Assis). Chegava, também, Alfredo Assante, meu afilhado João Roberto e seu primo Paulo Pinto. Iam todos para o quintal da fábrica de guaraná Pagé de Castro&Cia (até hoje existente, em outro espaço e com outro dono) e se juntavam a Élcio, Simão, Moysés, Mário, Graciene, Graciete e Graciema Assayag (as três últimas para brincar de boneca com minha caçula Graça), que vinham pelo muro. Outros que também chegavam Mariene e Enésio Eugênio (filhos do à época Sargento do Exército Enésio).

O mascote do grupo, Luiz Carlos Góes (morador da vila defronte), de apenas quatro anos, apelidado de Cri-cri, era o terror da garotada, com sua curiosidade insaciável, que

um dia em função de uma resposta "atravessada", sobre a localização do Japão cavou um enorme buraco no quintal, para onde todos iam, soltar papagaio, jogar bolinha, voley, futebol e na época da safra, tirar mangas (manga rosa) do Sr. Mendes (Foto Mendes, na Joaquim Nabuco, vizinho ao casarão dos Assayag).

Aos sábados, após a digestão e o retorno dos que iam almoçar em suas próprias casas, desfrutavam do banho no grande tanque (depósito d'água para lavar garrafas de guaraná, vinagre, cachaça e vinho) da fábrica, onde, sem o conhecimento de seu proprietário, minha segunda filha(sobrinha e afilhada do industrial), criava peixinhos. Era uma folia. E tudo isso com o meu assentimento e sem que a Saúde Pública soubesse.

Lá pelas quatro horas da tarde,encerrava-se o banho, sob os meus gritos de comando, por cima do muro da varanda de frente, lavava-se o tanque, esgotava-se (mantendo-o sempre com água por causa dos peixinhos), colocavam-no para encher e as correrias iam trocar de roupa em suas casas ou aqui mesmo, enquanto que outros iam embora.

Em romaria, cercada pelos pequenos, ia comprar na praia do Mercado (Municipal Adolpho Lisboa), os ingredientes do "cozido à portuguesa", de domingo, devidamente "amazonizado" pela velha matriarca, que já lhe havia acrescentado a banana pacovão, batata doce, o jurumum e o insubstituível pirão, elaborado com o caldo do cozido, recheado de carne verde gorda, muito toucinho e chouriço defumado.

No domingo após a missa das 7, no Dom Bosco e tempos depois, na matriz (Catedral de N.S. da Conceição, padroeira do Amazonas), reuniam-se no velho casarão, para prestigiar o "cozido da Vovó Arminda", regado a vinho com guaraná ou vinho com água e açúcar, íamos todos a matinê da uma (13h), do Cine Guarany, Polyteama ou Éden.

Numa segunda fase, épocas dos namoricos passaram pelo casarão, Euza Maria (Juíza), Sandra Alexandre(Professora da ETFAM) e suas primas Suely e Ilsa Maria Honório (atual Vallois Coelho), Luiza (Dep. Maneca) e Célia Cabral, Maria José Lima e Silva, Lucia Thereza Cavalcante Lemos(cuja consequência do namorico com Élcio Judá de Oliveira Assayag, foi o casamento mantido até hoje), José Duarte Alecrim, Álvaro Gazzinco(colegas de turma do Alfredo no Dom Bosco, que sofreram o primeiro acidente de carro, na kombi do Alecrim, na Estrada da Ponta Negra), Miguel e seu primo Rodrigo Medina(o 1º do Dom Bosco e o 2º do IEA), Marly e Sonia Ruiz, Edna Sarquis, Josimar Coelho, João Ricardo Lima, José Carlos (o Búfalo), Tunica (Antonia Lobo) e sua irmã Ana Maria, Ísis Maués, Péricles Brandt, Armando Brasil, Alfredo, Amadeu Pinto (médico e carnavalesco), Antenor Amazonas, Anita Sabbá, Circe Melo, Serafim Corrêa, do Colégio Brasileiro. Passaram também Maria Adelaide Mahomé de Souza, Maria do Socorro Abreu Langbeck (Beckinha), Gebes Medeiros, Anibal Melo e Frederico Arruda em dias de aniversário, mais José Renato Dudu Bagre, Anna Tereza Pena Ribeiro, Maria de Fátima Loureiro da Silva(filha do Zeca do Sombra Palace Hotel) e tantos mais. Crianças crescidas, preocupações redobradas. Pimenta do reino moída no moinho de guaraná da fábrica, devidamente jogada do alto do Teatro Amazonas no meio de uma peça ou convenção da UNE (União Nacional dos Estudantes), de saldo, Alfredo, Álvaro Gazzinco e Miguel Medina, detidos e levados para a delegacia onde o Dr. Gebes Medeiros, avisa-me pelo telefone que estava mandando uma viatura deixar os três no casarão, enquanto minha filha Arminda, Maria Adelaide e Roberto Gesta, vindo a pé, desesperados para dar a notícia.

Outra detenção, na eleição da UESA (União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas), envolvendo atrito entre: Alfredo, Álvaro e Alecrim (Dom Bosco),Amazonino Mendes (nosso Governador), Clinger Costa (PedroII). Sobressaltos e muita angústia com as confusões.

Numa 3º fase, os meus dois filhos mais velhos já estudando em Curitiba e eu Professora do Estadual (Dom Pedro II), alunos e professores, juntos com minha caçula, faziam do casarão, uma extensão do Colégio.

Em todas as fases, noites regadas a guaraná e piano. Vozes no coral das diferentes gerações. Confidências conselhos, auxílio nos trabalhos de pesquisa escolares, saudades de um tempo que não volta mais, principalmente daqueles que de um outro plano, observam a vida que continua a correr no casarão da sete: Henel,Gebes, Anibal, Marcílio, Paulo Mourão, Paulo Pinto e Alfredo, meu primogenito.

Como a história é cíclica, o casarão agora é frequentado pelos alunos de minha 2º filha, pelas minhas netas, filhas da caçula Maria das Graças, suas colegas e a vida se repete.

(*) Carmelia Esteves de Castro é Escpecialista em História pelo CADES-MEC, exerceu Magistério no Colégio Dom Pedro II e IEA e Direção e Vice-Direção no Colégio Comercial Ruy Barbosa e Colégio Comercial São Luiz Gonzaga, respectivamente.

Foto: Acervo Hamilton Salgado.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura